

CAPÍTULO I

DIA DE FINADOS

Naquele ano coube a Martinho Dias Nabasco acompanhar o que restava duma família numerosa e abastada, ao cemitério da terra natal. Ainda havia muitos descendentes no estrangeiro, mas a casa em que se reuniam objectos e memórias mais presentes estava praticamente desabitada. Com o mau humor que caracteriza os jovens ao ter que proteger publicamente os velhos, Martinho deu a mão à avó para ela não tropeçar nos seixos levantados da calçada. Um mar de automóveis cobria a estrada. Uns em movimento, outros procurando um lugar mesmo diante dos portões e entradas que prometiam não ser frequentadas na manhã austera de Finados, as carrocerias brilhavam ao sol aberto. O cemitério, que Martinho conhecera ainda meio rural, com alguns jazigos de capela elevando-se sobre as campas de terra, alargara-se, apinhado de sepulturas recentes; os mármore e o granito polido davam ao campo-santo um aspecto de cozinhas bem arrumadas, alegradas por braçadas de flores. Entre a massa de crisântemos, despontavam orquídeas claras. Era um luxo, uma glória prestados aos mortos. E que mortos! Martinho admirava os rostos patéticos em caixilhos dourados e as letras também douradas nas lápides novas em folha.

— Parece que morreram todos ao mesmo tempo — disse, ainda a segurar a mão da avó, fria e de dedos esqueléticos e bonitos.

— Tem compostura e sobretudo não me façás rir.

— Eu? A avó é que se ri de tudo sem compaixão. Sabe bem que sim. Como o nosso jazigo está estragado! Mas tem dignidade assim

como está. — O fio da sua camisola pegou-se à balastrada do jazigo que fora inovador no seu tempo. Era cercado por troncos fingidos de cimento, o que na época devia representar o máximo, se não de bom gosto, pelo menos de ousadia. Começava a época do betão, e o velho engenheiro, de quem Martinho mal sabia o nome, deixava ali a sua marca desafiadora. Era avô da avó, o que para Martinho vinha a dar um parentesco distante e labiríntico. Pelos retratos, via-se que era um homem elegante, no seu fato de *pied-de-poule* cinzento e a barba que provavelmente lhe escondia o queixo fraco. O mesmo que Martinho herdara, um pouco fugidio, o que fazia sobressair o nariz avançado e estreito. Um nariz de judeu, e está tudo dito.

Não deixava por isso de ser bonito, o jovem Martinho. Era doce como o açúcar quando queria e paciente como Cristo. Se bem que, também como Cristo, tivesse súbitas cóleras que só a avó compreendia.

— Isto vai passar. É um homem e os homens são imprevisíveis — dizia ela à mãe de Martinho, a sua filha Paula, uma morena de olhos soberbos, quase verdes, e que não tinham perdido ainda o brilho. A avó passara o cabo dos cinquenta anos com alguma dificuldade, e um fibroma que se desenvolvera nessa idade diminuía-a a ponto de a pôr nervosa e pronta a desfazer-se em lágrimas. Consultou em Paris um médico velho e compassivo; passou-lhe uma receita que ela aviou na Praça da Ópera, indo depois comer ostras entre desenganada e ligeira de sentimentos. Como Proust, Martinho Dias Nabasco crescera entre duas mulheres que o amavam. Era um amor sujeito a mudanças, como tudo na vida.

Nesse ano, Paula Nabasco demorou mais tempo as férias em Biarritz e não pôde ir florir a campa dos mortos, cada vez mais distante na província que fora o berço dos Nabascos e que se urbanizara até ficar irreconhecível. O que ligava Paula a Biarritz era uma velha história de família; o exílio dos Nabascos nos tempos da República e também a fortuna de que dispunham para se fazerem respeitar sem se olhar ao nome ou à origem. Duma irmandade de muitos irmãos, que mais parecia convento do que lar de proporções normais, os Nabascos tinham-se corrompido a ter poucos filhos, depois da guerra de 14, quando a vida se tornou libidinosa e cheia de actividades lúdicas. Ter só um filho ou um casal tornou-se um capricho da bur-

guesia bem-nascida. O tempo do avô Nabasco, o do jazigo em betão armado, fora o último da procriação natural sem o recurso ao preservativo e ao coito interrompido. Teve nove filhos, dos quais três eram deficientes mentais, de instintos matreiros e pirómanos, e assim por diante.

Mas Maria Rosa Nabasco, a avó de Martinho, limitou-se a dar à luz um rapaz e uma rapariga a quem pôs o nome de Paula, nome que ainda não existia na família e que ela, a avó, achava indispensável numa genealogia católica. S. Paulo era, entre outros, o seu amigo preferido por razões que ela dificilmente abordava mas que não eram as mais canónicas.

Até aos nove anos, Martinho Nabasco esteve convencido de que o mundo era partilhado por pessoas inteligentes, inventivas e criadoras. Quando se apercebeu de que havia muita gente «parada», como a avó Maria Rosa dizia, isso perturbou-o. Numa família em que até os deficientes mentais eram bem servidos de massa cinzenta que dava origem a anedotas, ditos de espírito e calembures geniais, o facto de se perceber que aquilo não era tudo e que podia haver verdadeiras hordas de brutos e de melancólicos activos e passivos teve grande efeito em Martinho. Até os Cunhas, que eram por tradição criados dos Nabascos, constituíam uma elite de gente apurada de gostos e de entendimento. Os Cunhas eram sete irmãos e uma irmã chamada Ana. Muito feia, ao contrário dos outros, que eram elegantes e bonitos rapazes, ela detinha o espírito mais elevado e a graça correspondente. Nunca casou e Maria Rosa chamava-a muitas vezes para lhe alegrar o coração, que era dado a súbitas apreensões, como o rei David.

— Acho que somos parentes. Também eu gosto de música como remédio e não como prazer — dizia. Os Cunhas eram bons tocadores de viola e cavaquinho, sabiam cantigas completamente graciosas e cozinhavam muito bem. Durante duas gerações foram presentes na casa dos Nabascos e contribuíram para a felicidade dos dias que nem sempre eram de aproveitar.

Atrás de Maria Rosa e do neto Martinho ia uma herdeira dos Cunhas e que carregava as flores do Dia de Finados. Simples crisântemos novelo, brancos e redondos como nuvens brancas e redondas. Elisa era uma mulher robusta que vestia um uniforme azul-marinho, ou o que ela fazia parecer um uniforme, com colarinho e um *gilet*

cinzento a completar. O efeito era sóbrio mas parecia uma extravagância numa época em que os costumes eram ditados pelos espaços de pronto-a-vestir. Ela orgulhava-se de não se converter aos *jeans*, se bem que ao preferir as saias de pregas estava a valorizar o porte de matrona.

— Ainda havemos de ver o dia em que os homens usem saias. São mais cómodas e mais arejadas — dizia. Estabeleciam-se grandes discussões em volta de questões pequenas, e aquilo despertava o espírito e tornava-o incandescente. Na hora perto do jantar, quando se entrava na cozinha para destapar as panelas e provar os molhos, acontecia aquela variada conversa sobre palavras, hábitos e o que os explicava. Martinho já não conhecia a casa da Rua de Belomonte, que tinha a cozinha e a sala de jantar no terceiro andar voltado ao rio. Ao que parecia, era uma casa mítica. Às seis horas da tarde abria-se a porta do quintal aos cães e eles subiam pelas escadas como um esquadrão da guarda. Iam para a cozinha, derrubando cadeiras, abanando as caudas como chicotes, ganindo de alegria. Eram cães de caça; e embora não houvesse mais caçadores em casa, alimentava-se essa tradição com os *setters* bonitos, cor de fogo, cujo pêlo luzia ao lume do fogão de lenha. Porque até muito tarde se cozinhava a lenha, e se usava a lenha para os fogões de sala. Ouvia-se o crepitar das achas secas como um ruído de bom augúrio na manhã enevoada. O rio tinha ainda humores de estação, crescia no Inverno e acumulava nas margens laranjas e traves partidas; e algum cabrito morto vinha na corrente, rápido na flor das ondas já invadidas pelo mar aberto. Tudo isso Martinho não tinha conhecido. Nem a mãe dele, Paula, que se distinguia por ser dessas mulheres enclausuradas ainda, e que aprendem equitação para o caso de ir viver em grande estilo com um senhor das lezírias ou com um lorde inglês. Imaginações que se desvaneciam ao primeiro baile de debutantes, já em declínio mas ainda consultoria de casamentos.

Martinho apertou, sem querer, o braço da avó ao ter diante dos olhos a pesada pedra do túmulo. Era de facto terrível, com as argolas de ferro enferrujadas e o musgo negro que a cobria. «Não vou deixar que a metam aqui» — pensou, desolado. E um toque de pó-de-arroz na face dela, junto à orelha esquerda, enterneceu-o como o rasto duma mulher bonita. «Até ao fim somos amantes uns dos outros»

— pensou, triste. A educação de mulheres dera-lhe um descaramento ritual, sem nada de perverso, só amadurecido pela reflexão.

Deteve-se a olhar para as campas cobertas de inscrições saudosas, de flores caras, de candeeiros vermelhos dentro dos quais uma chama curta ia sucumbindo. A morte tinha-se tornado uma vaidade mais, uma festa de anos em que só faltava o «parabéns a você» mas não a mesa abundante.

— Tem frio, avó? — perguntou.

— Não, só um pouco de fome. Mas, espera: não é fome, talvez não seja. A morte é excitante. Esta gente toda vai comer demais e enrolar-se na cama com peúgas e tudo. Não se devem frequentar lugares destes na minha idade. São lúbricos e quase mal-afamados.

Um dente dela abanava quando ela falava, e Martinho podia distinguir um ligeiro ciciar da voz que dantes a avó não tinha. «Pronto, a velhice está a bater-lhe à porta. Não vamos pensar nisso, não quero pensar nisso. Pronto, acabou, pensamentos vagabundos!» Beijou-a, a rir-se, e notou que os cabelos dela tinham um cheiro de ferro frisado.

Os cabelos. De repente as mulheres puseram-se a usar franja e Nietzsche disse que era para esconder a testa e o que ela presume: inteligência, independência de vida, sexo, gerência dos negócios e outras coisas. Por mais que olhasse para todos os lados, as mulheres não pareciam diferentes. Quer dizer: talvez se adaptassem com mais dificuldade a um destino de donas de casa e mães de cinco filhos ranhosos e impertinentes. A verdade estava à vista, a crueldade era uma forma de razão prática, mas isso sempre existira entre as mulheres e os homens também. Só uma educação muito rígida as controlava. Casavam-se por amor, mas o amor incluía tudo o que se pode imaginar como na história do Humpty Dumpty. Cascas de ostras e peles de raposa ou daquelas águas-de-colónia estafadas cujos frascos eram sempre uma ralação pois não pertenciam a nenhum lugar: nem ao lixo nem a uma colecção, nem para encher outra vez. Paula Nabasco disse que outra vez que lhe dessem um frasco desses o mandava de volta de presente para outra pessoa.

— Eu só gosto de lavanda. Mas quando fiquei grávida do Martinho enjoei a lavanda e nunca mais a pude suportar. Isto deve ter um sentido, não sei.